

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

José Flávio Morais Castro¹ - joseflavio@pucminas.br

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA CAPITANIA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a organização espacial da Capitania de Minas Gerais no século XVIII, no quadro da *Geografia Histórica*, a partir da interpretação das descrições geográficas e cartográficas do memorialista histórico e cartógrafo, José Joaquim da Rocha, de 1778, e do Desembargador José João Teixeira Coelho, de 1782. O *Mapa da Capitania de Minas Geraes com a deviza de suas comarcas*, elaborado por Rocha em 1778, foi georreferenciado e vetorizado no ARC GIS®, criando-se *layers* dos fenômenos. Paralelamente, com base na interpretação do texto da *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais*, elaborado por Rocha em 1778, criou-se um banco de dados dos fenômenos relatados adotando-se, como base cartográfica, o mapa atual do Estado de Minas Gerais, no qual estabeleceram-se associações dos topônimos antigos aos atuais. Os documentos históricos foram representados por meio de “mapa exaustivo” e de “coleção de mapas”, o que permitiu estabelecer a organização espacial e, exploratoriamente, limites regionais da capitania em três categorias: agropecuária, mineradora e indígena. As rendas reais arrematadas e cobradas por contrato nos registros e nas passagens dos rios eram os dízimos e os direitos das entradas, descritas na *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais* por José João Teixeira Coelho em 1782, cuja localização foi identificada no mapa de Rocha e também associada ao mapa atual, visando a identificação de padrões espaciais.

Palavras chave

Organização Espacial, Geografia Histórica, Cartografia Histórica, Minas Gerais, Geoprocessamento.

Abstract

This research aims to analyze the spatial organization of the Captaincy of Minas Gerais in the eighteenth century, in the context of Historical Geography, from the interpretation of the descriptions and geographical mapping of memoirs and historical cartographer, José Joaquim da Rocha, of 1778, and of Chief Judge José João Teixeira Coelho, of 1782. The *Mapa da Capitania de Minas Geraes com a deviza de suas comarca*, prepared by Rocha in 1778, was georeferenced and vectorized in ARC GIS®, creating layers of phenomena. In parallel, based on interpretation of the text of the *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais*, developed by Rocha in 1778, created a database of the phenomena reported adopting, as a base map, the map's current state of Minas Gerais, in which associations were established to old place names now. The historical documents were represented by “exhausting map” and “collections of maps”, which allowed us to establish the spatial organization and exploratory regional boundary of the captaincy in three categories: agriculture, mineral

¹ Geógrafo e Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas – Belo Horizonte – Brasil (e-mail: joseflavio@pucminas.br)

and indigenous. Real incomes and fetch the records collected by contract in the passages of the river are the tithes and rights of entry, as described in the *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais* by José João Teixeira Coelho in 1782, whose location was identified on the map of Rocha and also associated with the current map in order to identify spatial patterns.

Keywords

Space Organization, Historical Geography, Cartographic History, Minas Gerais, GIS.

Introdução

A Cartografia sofreu e está sofrendo profundas modificações a partir do uso mais generalizado da tecnologia e vêm apresentando grande diversidade técnica e metodológica, tendo no mapa a representação gráfica de padrões espaciais. Uma das vertentes importantes da Cartografia que vem utilizando tais recursos é a Cartografia Histórica. Mapas e textos históricos têm sido inventariados, catalogados, digitalizados e cartografados, permitindo análises espaciais dinâmicas fundamentadas em bases semiológicas e em técnicas digitais.

Os mapas históricos vem sendo objeto de interesse especial de variados pesquisadores de áreas diferenciadas, pela sua importância como registro de valores culturais da sociedade no espaço e no tempo. O uso das técnicas de geoprocessamento em mapas históricos tem se mostrado eficiente no resgate de importante patrimônio cultural da sociedade, evidenciando um riquíssimo instrumento de pesquisa e um poderoso instrumento didático-pedagógico.

Em Minas Gerais, no século XVIII, foram elaborados importantes inventários e descrições na forma de manuscritos e mapas, principalmente por José Joaquim da Rocha (1778) e por José João Teixeira Coelho (1782), instrumentos voltados para o governo na Colônia. Estes documentos são fontes amplamente utilizadas pela historiografia referente ao período colonial e formam um conjunto de fontes e estudos que guardam entre si estreita e íntima correlação, que se explicam e se complementam (RESENDE *in* ROCHA, 1995, p. 13 e 14).

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a organização espacial da Capitania de Minas Gerais no século XVIII, à luz da *Geografia Histórica*, a partir da interpretação da descrição geográfica e cartográfica do memorialista histórico e cartógrafo, José Joaquim da Rocha, em 1778, e do Desembargador José João Teixeira Coelho, em 1782.

Os dois trabalhos apresentam conjunturas semelhantes, buscam o fundamento histórico para explicar a situação da capitania e propõem instrumentar o poder político na gestão fiscal, administrativa, política e econômica. O primeiro voltado para o governo na Colônia e, o segundo, para o governante na Metrópole. As duas memórias

são, também, registros de um primeiro momento, no qual a decadência das rendas reais deixa de ser tratada como uma questão de contrabando e sonegação fiscal por parte dos mineradores. O que nelas está presente é a idéia de que a crise é da mineração, da descapitalização dos mineradores e dos processos de mineração (RESENDE *in* ROCHA, 1995, p. 55) .

Na obra de José Joaquim da Rocha, a articulação entre mapas e textos são partes de um mesmo projeto de inventário da Capitania de Minas Gerais, que agrega dados referentes a: origens históricas, topografia, hidrografia, fronteiras, cidades, divisões administrativa, judiciária e eclesiástica, recolhimentos e misericórdias, situação e distribuição das forças militares, da população, situação dos registros, das entradas e passagens, formas de cobrança do quinto, rendas da Coroa, impostos, despesas, folhas de pagamento eclesiástico, civil e militar, produção agrícola, caça, pesca, pecuária, comércio interno, condições do solo, vegetação, clima, animais, pedras preciosas e tintas. Sob a forma de um balanço quantitativo e qualitativo, o autor procurou divulgar a situação da Capitania, elaborou comentários e observações sobre as possibilidades de restaurar as rendas da Coroa, reformar a administração pública e fazer retornar a Capitania à condição de centro econômico no Brasil, segundo os interesses da Metrópole. A situação dos mineradores, comerciantes e indígenas, os atropelos dos facinorosos, a questão do trabalho, a vadiagem, a pobreza e a quebra da lealdade das guardas dos registros foram objetos de reflexão (RESENDE *in* ROCHA, 1995, p. 52).

(...) as Minas se configuram para José Joaquim da Rocha como uma entidade única, em contraposição ao seu entorno: as demais capitanias limítrofes. Por isso seus textos intitulam-se geografias ou memórias históricas, pois são ambas as matérias - geografia e história - que conferem uma identidade comum à região, distinguindo-a das demais e impondo novos significados à memória. Nesse caso, entrelaçam-se território, população e riqueza, tornando a capitania única em relação ao restante do império português. São esses três elementos que conferem coesão a Minas e dotam-na de sua alteridade (FURTADO, 2009, p. 167-168).

No *Mapa da Capitania de Minas Geraes com a deviza de suas comarcas*, de José Joaquim da Rocha, elaborado em 1778, os centros populacionais são representados a partir do uso de símbolos que espelham a hierarquia de espaços no interior do império português e apresentam paralelismo com a hierarquia da estrutura social pois, o enobrecimento das localidades se desenvolvia no interior de um sistema de concessão de títulos, patentes e privilégios (FURTADO, 2009, p. 173). Referenciado ao meridiano da Ilha de Ferro² e com escala em léguas³, o mapa delimita a capitania e as quatro comarcas: Vila Rica, Rio das Mortes, Sabará e Serro Frio; e representa a rede dos rios, a malha das estradas e o alinhamento das serras.

O trabalho de José João Teixeira Coelho, elaborado em 1782 e publicado na *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais* (COELHO, 1994), "(...) impõe-se talvez como o mais notável estudo sobre Minas

² Valores de longitude referenciados ao meridiano da Ilha de Ferro, que corresponde a 17° 39' 46" W em relação ao meridiano de Greenwich (MARQUES, 2001).

³ 1 légua = 6 km.

quase no fim do século XVIII, quando a Capitania já conhece as dificuldades da decadência” (IGLESIAS in COELHO, 1994, p. 19).

Caio César Boschi (2007) in José João Teixeira Coelho (2007, p. 35), ao analisar a obra de Coelho afirma que, “a elaboração da *Instrução* se ajusta plenamente às diretrizes administrativas produzidas pela Metrópole portuguesa para sua colônia americana”. Segundo o referido autor, a *Instrução* visava identificar as origens do declínio da produção aurífera e sugerir propostas para reverter aquele quadro, ou seja, analisar o funcionamento do sistema tributário-fiscal.

(...) no primeiro dia de dezembro de 1710, sendo Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho Governador de São Paulo e Minas, convocou os povos a uma Junta e expôs nela que necessitava de rendimentos certos e consideráveis para as despesas dos soldos e ordenados dos militares e ministros, se assentou em lançar uma imposição no negócio de fazenda, escravos, gado e cavalos que entrassem pelos Registros de Minas e com efeito determinaram que de cada carga de fazenda seca se pagassem quatro oitavas de ouro de mil e quinhentos; de cada carga de molhados, duas oitavas; de cada escravo negro, quatro oitavas; de cada escravo mulato, seis oitavas e cada cabeça de gado vacum ou cavalariço, uma oitava (COELHO, 1994, p. 199).

O tributo não foi praticado imediatamente, sofreu ajustes por meio da expedição de variadas ordens e provisões até que “pela provisão do Erário de 13 de outubro de 1774, se ordena à Junta de Vila Rica que administre por conta da Real Fazenda o contrato das entradas da Capitania de Minas e das mais anexas” (COELHO, 1994).

Breve descrição da Capitania de Minas Gerais no século XVIII

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no ano de 1693, a partir das entradas dos paulistas pelo sertão da Casa da Casca, surgiram as primeiras povoações, que se espalharam rapidamente pelo território mineiro. Assim, houve a necessidade de se organizar a estrutura administrativa e eclesiástica de todo o território por meio do estabelecimento e criação de vilas, paróquias, freguesias e registros na capitania, que foram descritas por José Joaquim da Rocha em 1778.

Segundo José Joaquim da Rocha (1995, p. 77-89), os paulistas penetraram pelos sertões de Minas, acompanhados de gentios cativados, até chegarem ao sertão da Casa da Casca; aldeia de gentio situada no lugar denominado Cuieté, próximo ao Rio Doce, nas vertentes da Serra de Vila Rica, invadida em 1693 por Antônio Rodrigues Arzão, natural da Vila de Taubaté, que descobriu as primeiras ocorrências do ouro.

Em 1694, Bartolomeu Bueno, saindo de São Paulo, guiado pelo roteiro criado pelo seu cunhado Arzão e orientado pelos picos de algumas serras, rompeu as densas matas de Minas até chegar a Itaberaba, situada a 8 léguas de Vila Rica, onde plantaram milho devido à escassez da caça na região. Em 1695, retornaram a

Itaberaba e, com a ajuda dos índios cativados nos sertões do Cuieté, iniciaram a extração do ouro de aluvião utilizando técnicas rudimentares. O descobrimento do ouro levou o Governador Antônio Pais de Sande a estabelecer Casa de Fundição na Vila de Taubaté.

O descobrimento do ouro e o estabelecimento da casa de fundição estimularam os paulistas a armarem tropas e desenvolverem técnicas de minerar, que se aventuraram por variadas regiões de Minas, principalmente pelos caudalosos rios e seus tabuleiros. Espalhados pelos dilatados sertões, foram descobrindo e dando ao manifesto as faisqueiras que encontravam. Foram os primeiros a entranharem o Rio São Francisco, povoando e enchendo de gado as suas margens.

Na diligência do ouro, destacou-se Fernão Dias Pais, que avançou para maiores distâncias, cortando os sertões do Serro Frio, e descobriu as esmeraldas. Chegou a passagem de *Sumidouro* e realizou inúmeras entradas no Sabarabuçu, serra vizinha ao Sumidouro também chamada de Serra Negra ou das Esmeraldas. Mais tarde, seguiu pelos socavões das esmeraldas nas dilatadas montanhas e vale do rio Vupabuçu até chegar a *Itacambira* e no rio Itamarandiba. Morreu junto ao Guacuí ou Rio das Velhas, onde descobriu grande faisqueira, deixando os achados e instrumentos de minerar para seu genro Manoel de Borba Gato, que mais tarde enveredou pelos sertões do Rio Doce.

Por volta do ano de 1697, as Minas se encontravam em um estado de despotismo e de liberdade dos facinorosos, que empunham e revogavam as leis ao seu arbítrio, no qual a soberba, a lascívia, a ambição, o orgulho e o atrevimento dominavam. Esta situação levou o então Governador Artur de Sá e Menezes ao Rio das Velhas, onde deu manifesto ao descobrimento e consignou Borba Gato com a patente de tenente-general.

Entretanto, com a expansão do povoamento no território das minas por povoadores de diferentes capitanias e com as dificuldades de se administrar os impactos das descobertas e da ocupação do espaço, instalaram-se as primeiras desordens; causadas pelo Frei Francisco de Menezes e pelo sargento-mor Francisco do Amaral Gurgel que “mandaram arrematar no Rio de Janeiro, por contrato, todos os cortes da carne que se cortassem nas Minas ser por conta dos mesmos”. Este contexto gerou conflitos entre paulistas e portugueses (os *boabas*) que culminaram com a expulsão e despejo dos paulistas entre os anos de 1707 e 1710.

Em junho de 1710, o então Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho constituiu uma comitiva, liderada por D. Francisco Martins Mascarenhas, com o objetivo de terminar com os tumultos e desordens. Viajou para Minas chegando ao Rio das Mortes, Congonhas e Ouro Preto, onde residiam os chefes dos levantados. Com o fim dos conflitos, o Governador Albuquerque prosseguiu na criação das vilas e estabelecimento da capitania, e, com desembaraço e firmeza, promulgou leis.

Metodologia

Tendo em vista a compreensão geográfica desta realidade histórica, o *Mapa da Capitania de Minas Geraes com a deviza de suas comarcas* (1778), que se encontra no Arquivo Histórico do Exército (AHEx) – Rio de Janeiro e reproduzido em publicação da Fundação João Pinheiro em 1995 (ROCHA, 1995), foi georreferenciado e vetorizado no ARC GIS®, criando-se um banco de dados onde se encontram discriminados: cidade, vilas, paróquias, capelas, fazendas, registros de guardas e patrulhas de soldados e aldeias de gentios, a partir da legenda do próprio mapa, bem como, a rede hidrográfica, as estradas e o relevo (Figura 1).

Paralelamente, com base na leitura do texto intitulado *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais*, redigido por Rocha em 1778, criou-se um banco de dados dos fenômenos descritos adotando-se, como base cartográfica, o mapa atual do Estado de Minas Gerais (IBGE, 1996), no qual foram estabelecidas associações dos topônimos antigos aos atuais a partir de Costa (2010) e do IGA/ALEMG (1997)⁴.

As vilas e paróquias descritas por Rocha apresentam as respectivas coordenadas (latitude e longitude referenciada ao meridiano de Ferro). Nas longitudes, foram estabelecidas as correspondências com o meridiano de Greenwich que permitiram calcular, no *software* MapAnalyst® e com base nos trabalhos de Bernhard Jenny *et al.* (2007, p. 89 e 90), as distorções da grade de coordenadas e os descolamentos de vetores.

No mapa atual, o limite de comarca do século XVIII foi definido com base nos trabalhos sobre emancipação de municípios do Estado de Minas Gerais (IGA/ALEMG, 1997; FURTADO, 2003), desde o primeiro município, criado em 1711 (Mariana) até os municípios emancipados no ano de 1822, que consistiu em importante elemento balizador para a análise. Assim, na definição dos limites foram consideradas as emancipações relacionadas com as quatro Vilas, cabeça de comarca: Ouro Preto, Sabará, São João d'El Rei e Serro.

Com a finalidade de minimizar os desafios de identificação e tratamento de documentos históricos, o mapa original e o atual foram representados por meio do ARC GIS® e de técnicas cartográficas: o “mapa exaustivo” (superposição dos fenômenos em mapa único) e a “coleção de mapas” (desconstrução dos fenômenos – um mapa para cada fenômeno), que permitiu estabelecer a organização espacial e, exploratoriamente, limites regionais.

A partir do manuscrito intitulado *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais*, redigido por José João Teixeira Coelho em 1782 (COELHO, 1994), criou-se, no ARC GIS®, um banco de dados dos rendimentos gerais nas passagens dos rios e anexas da capitania, em contos de réis, nos anos de 1704 a 1799. A partir do banco de dados produzido, foi possível elaborar a sua representação gráfica, em décadas, por meio de círculos

⁴ Alguns topônimos presentes no quadro 1 não foram identificados nas fontes analisadas.

proporcionais aos referidos valores dos rendimentos. Na definição das classes dos mapas, adotou-se os dados referentes à década de 1750, por se tratar dos maiores rendimentos, e o critério de cinco classes definidas pelo método *natural breaks*, que permitiu estabelecer a análise comparativa.



- | | | |
|-------------|---|-------------------------|
| ● Cidades | ⚡ Registros, guardas e patrulha de soldados | ----- Limite de Comarca |
| ● Vilas | ⚡ Guardas de São Paulo | — Serras |
| ⚡ Paróquias | ● Aideias de gentio | — Rios |
| ⚡ Capelas | — Estradas | |
| ▲ Fazendas | — Limite de Capitania | |
- 0 50 100 150 200 km
- FONTE: FJP (1995); modificado de Castro et al. (2006).
 CARTOGRAFIA: José Flávio Morais Castro, 2011.

Figura 1 - Vetorização do Mapa da Capitania de Minas Geraes com a deviza de suas comarcas, 1778;
 Fontes: Rocha (1995) e Castro et al. (2006).

Organização espacial da Capitania de Minas Gerais no século XVIII

Para efeito de representação cartográfica e análise comparativa, os topônimos antigos foram associados aos atuais⁵, estabelecendo-se as correspondências das longitudes com o meridiano de Greenwich, bem como, relacionando-se as longitudes e latitudes atuais (Quadro 1). Com base nos trabalhos de Bernhard Jenny *et al.* (2007, p. 89 e 90), o mapa da figura 2 representa as distorções da grade de coordenadas e os descolamentos de vetores ocorridos nas vilas da capitania, principalmente das longitudes, desvios inerentes às dificuldades técnicas de levantamentos no século XVIII. Na associação de coordenadas antigas e atuais, nota-se um excessivo desvio de coordenadas para oeste.

A organização espacial, identificada a partir dos fenômenos redigidos no manuscrito *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais* (ROCHA, 1995) e representados no mapa *Mapa da Capitania de Minas Geraes com a deviza de suas comarcas* (ROCHA, 1995), permitiu elaborar o “mapa exaustivo” e a “coleção de mapas”; bem como, a análise de padrões espaciais, por meio da delimitação de prováveis regiões (Figuras 3 e 4). Na análise dos mapas das figuras 3 e 4 nota-se uma distribuição espacial estratégica dos fenômenos administrativos e eclesiásticos em relação às comarcas e às estradas, suas respectivas hierarquias, revelando meios de garantir o controle social e econômico da capitania.

Com base nos documentos mapeados e analisados, foram estabelecidos, exploratoriamente, limites regionais da capitania em três categorias: agropecuária, relacionada à intensa ocorrência de fazendas na porção norte-noroeste; mineradora, caracterizada pela localização das vilas, paróquias, capelas e registros na área central, com prolongamento sul-nordeste, em conformidade com as áreas de ocorrências de ouro e diamantes; e, indígena, demarcada na porção leste da capitania, com predominância de aldeias de gentios.

Visando uma análise regional precisa porém, menos detalhada que o mapa de Rocha, pois os topônimos e as coordenadas das fazendas e das aldeias de gentios não foram mencionados na descrição geográfica, estabeleceu-se, com base na descrição sobre a criação de vilas, paróquias e registros da capitania, os limites regionais definidos no mapa atual, que denotaram semelhanças morfológicas e analíticas (Figura 4). Do ponto de vista das comarcas, nota-se que na comarca do Rio das Velhas estão inseridas as fazendas, região agropecuária; nas comarcas do Rio das Mortes, Vila Rica e do Serro as vilas, paróquias e registros, região mineradora, e na comarca de Vila Rica algumas paróquias e capelas, região indígena.

⁵ Parte dos topônimos não houve associação pois, o topônimo atual não foi identificado nas fontes analisadas.

IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica
ISBN 978-972-8932-88-6

Quadro 1 – Valores das coordenadas geográficas das paróquias das comarcas de Minas Gerais, segundo José Joaquim da Rocha em 1778.

1	Comarca de Vila Rica	Long.	Long. correspondente	Lat.	Município atual	Long. atual	Lat. atual
	Cidade de Mariana	333°00'	44°39'46"	20°21'	Mariana	43° 24' 58"	20° 22' 41"
1	Paróquia de São Sebastião	333°06'	44°33'46"	20°20'	Distrito de Mariana		
2	Paróquia de São Caetano	333°12'	44°27'46"	20°19'	Distrito de Mariana		
3	Freguesia do Furquim	333°18'	44°21'46"	20°18'	Distrito de Mariana		
4	Paróquia de São José da Barra Longa	333°29'	44°10'46"	20°18'	Barra Longa	43° 02' 29"	20° 16' 58"
5	Paróquia de Nossa Senhora do Rosário do Sumidouro	333°06'	44°33'46"	20°24'	Distrito de Mariana		
6	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Piranga	333°18'	44°21'46"	20°39'	Piranga	43° 18' 00"	20° 41' 06"
7	Paróquia de São Manoel dos Índios Coroados do Rio da Pomba	334°00'	43°39'46"	21°00'	Rio Pomba	43° 10' 44"	21° 16' 30"
8	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Cuieté	334°51'	42°48'46"	20°09'			
9	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Camargo	333°01'	44°38'46"	20°11'	Distrito de Mariana		
10	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Inficionado	333°01'	44°38'46"	20°11'	Distrito de Mariana		
11	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas	333°07'	44°32'46"	20°07'	Catas Altas	43° 24' 27"	20° 04' 28"
12	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Pereira	332°49'	44°50'46"	20°18'	Distrito de Mariana		
	Vila Rica	332°48'	44°51'46"	20°24'	Ouro Preto	43° 30' 25"	20° 23' 13"
1	Paróquia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto				Ouro Preto		
2	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica				Ouro Preto		
3	Paróquia de Santo Antônio da Itaiaia	332°44'	44°55'46"	20°31'	Distrito de Ouro Preto		
4	Paróquia de Santo Antônio do Ouro Branco	332°42'	44°57'46"	20°36'	Ouro Branco	43° 41' 29"	20° 31' 14"
5	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição das Congonhas do Campo	332°27'	45°12'46"	20°39'	Congonhas	43° 51' 26"	20° 29' 59"
6	Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem da Itabira	332°28'	45°11'46"	20°18'	Itabirito	43° 48' 23"	20° 15' 08"
7	Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira	332°36'	45°03'46"	20°24'	Distrito de Ouro Preto		
8	Paróquia de Santo Antônio da Casa Branca	332°36'	45°03'46"	20°20'	Distrito de Ouro Preto		
9	Paróquia de São Bartolomeu	332°39'	45°00'46"	20°21'	Distrito de Ouro Preto		
2	Comarca do Rio das Velhas						
	Vila do Sabará	332°30'	45°09'46"	19°42'	Sabará	43° 48' 23"	19° 53' 21"
1	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição	332°30'	45°09'46"	19°42'	Sabará	43° 48' 23"	19° 53' 21"
2	Freguesia de Santo Antônio da Roça Grande	332°29'	45°10'46"	19°41'	Santa Luzia	43° 51' 02"	19° 46' 13"
3	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Raposos do Sul	332°30'	45°09'46"	19°48'	Raposos	43° 48' 15"	19° 58' 02"
4	Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral del Rei	332°22'	45°17'46"	19°42'	Belo Horizonte	43° 56' 42"	19° 55' 21"
5	Freguesia de Nossa Senhora do Pilar das Congonhas	332°26'	45°13'46"	19°46'	Nova Lima	43° 50' 46"	19° 59' 06"
6	Freguesia de Santo Antônio do Rio das Velhas	332°26'	45°13'46"	19°59'	Rio Acima	43° 47' 21"	20° 05' 15"
7	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras	332°24'	45°15'46"	20°13'			
	Registros						
1	Sete Lagoas	332°12'	45°27'46"	19°07'	Sete Lagoas	44° 14' 49"	19° 27' 58"
2	Jequitibá	332°18'	45°21'46"	19°00'	Jequitibá	44° 01' 42"	19° 14' 07"
3	Zabelê	332°33'	45°06'46"	18°48'			
4	Ribeirão da Areia	331°15'	46°24'46"	19°09'			
5	São Luís	329°27'	48°12'46"	16°06'			
6	Olhos d'Água	329°25'	48°14'46"	16°10'			
7	Santa Isabel	329°21'	48°18'46"	16°17'			
8	Nazaré	329°28'	48°11'46"	16°15'			
9	Santo Antônio	329°36'	48°03'46"	16°18'			
	Patrulhas e guardas						
1	Riacho da Areia	331°46'	45°53'46"	19°15'			
2	Guarda dos Macacos	331°36'	46°03'46"	19°04'			
3	Guarda da Barra do Pará	330°42'	46°57'46"	18°42'			
4	Guarda da Barra do Rio Marmelada	330°40'	46°59'46"	18°33'			
5	Patrulha da Venda Nova	332°12'	45°27'46"	18°21'			
6	Destacamento da Tapera do Saco	332°00'	45°39'46"	16°33'			
7	Destacamento do Rio da Prata	329°33'	48°06'46"	17°18'			
8	Destacamento do Porto do Bezerra	330°00'	47°39'46"	16°15'			
9	Destacamento de São Romão	332°09'	45°30'46"	15°15'	São Romão	45° 04' 02"	16° 22' 08"
	Julgados						
1	Paracatu (Freguesia de São Luís e Santana)	329°29'	48°10'46"	16°12'	Paracatu	46° 52' 27"	17° 13' 00"
2	São Romão (Freguesia de Santo Antônio da Manga)	332°09'	45°30'46"	15°15'	São Romão	45° 04' 02"	16° 22' 08"
3	Papagaio (Santo Antônio do Curvelo)	332°12'	45°27'46"	18°06'	Curvelo	44° 25' 51"	18° 45' 23"
	Vila Nova da Rainha	332°39'	45°00'46"	19°45'	Caeté	43° 40' 13"	19° 53' 52"
1	Nossa Senhora do Bom Sucesso e São Caetano	332°39'	45°00'46"	19°45'	Caeté	43° 40' 13"	19° 53' 52"
2	São João Batista do Morro Grande	332°54'	44°45'46"	19°57'	Barão de Cocais	43° 29' 13"	19° 56' 46"
3	Freguesia de Santo Antônio, Ribeirão de Santa Bárbara	332°59'	44°40'46"	20°00'	Santa Bárbara	43° 24' 55"	19° 57' 34"
4	Freguesia de São Miguel da Piracicaba	332°12'	45°27'46"	20°00'	Rio Piracicaba	43° 10' 26"	19° 55' 44"
	Vila de Pitangui	331°15'	46°24'46"	19°21'	Pitangui	44° 53' 26"	19° 40' 56"
1	Freguesia de Nossa Senhora do Pilar	331°15'	46°24'46"	19°21'	Pitangui	44° 53' 26"	19° 40' 56"
3	Comarca do Rio das Mortes						
	Vila de São João del Rei	332°10'	45°29'46"	21°15'	São João del Rei	44° 15' 40"	21° 08' 08"
1	Paróquia de Nossa Senhora do Pilar	332°10'	45°29'46"	21°15'	São João del Rei	44° 15' 40"	21° 08' 08"
2	Freguesia de Santana do Funil	331°13'	46°26'46"	21°17'	Lavras	45° 00' 00"	21° 14' 42"

IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica
ISBN 978-972-8932-88-6

3	Freguesia da Senhora do Montserrat e Baependi	331°25'	46°14'46"	22°09'	Baependi	44° 53' 24"	21° 57' 33"
4	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Aiuruoca	331°39'	46°00'46"	22°24'	Aiuruoca	44° 36' 10"	21° 58' 32"
5	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Pouso Alto	331°36'	46°03'46"	21°51'	Pouso Alto	44° 58' 22"	22° 11' 38"
6	Freguesia de Santana do Sapucaí	332°10'	45°29'46"	21°15'	Silvianópolis	45° 50' 07"	22° 01' 47"
7	Freguesia de Nossa Senhora do Carmo de Cabo Verde	330°18'	47°21'46"	22°19'30"	Rio Pardo de Minas	42° 32' 23"	15° 36' 36"
8	Freguesia de São Pedro de Alcântara do Jacuí	328°42'	48°57'46"	21°15'	Ibiá	46° 32' 19"	19° 28' 42"
9	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Camanducaia			22°40'	Camanducaia	46° 08' 40"	22° 45' 19"
10	Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo	332°45'	44°54'46"	21°24'	Barbacena	43° 46' 24"	21° 13' 34"
11	Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato	333°07'	44°32'46"	21°51'			
12	Freguesia de Nossa Senhora da Glória do Caminho Novo	333°37'	44°02'46"	21°52'	Simão Pereira	43° 18' 42"	21° 57' 49"
Destacamentos e guardas							
1	Destacamento do Grambéo	332°12'	45°27'46"	21°48'	Santana do Garambéu	44° 06' 15"	21° 36' 05"
2	Guarda da Picada da Aiuruoca	331°36'	46°03'46"	22°42'	Aiuruoca	44° 36' 10"	21° 58' 32"
3	Guarda, ou Registro da Mantiqueira	331°05'	46°34'46"	22°44'	Santos Dumont	43° 33' 09"	21° 27' 24"
4	Guarda do Itajubá	331°05'	46°34'46"	22°36'	Itajubá	45° 27' 09"	22° 25' 33"
5	Registro de Jaguari	329°52'	47°47'46"	23°21'	Camanducaia	46° 08' 40"	22° 45' 19"
6	Registro de Ouro Fino	329°39'	48°00'46"	22°42'	Ouro Fino	46° 28' 09"	22° 16' 59"
7	Guarda do Toledo	329°12'	48°27'46"	23°15'	Toledo	46° 22' 19"	22° 44' 36"
8	Guarda do Pinheirinho	328°24'	49°15'46"	21°31'	Passa Quatro	44° 58' 01"	22° 23' 25"
9	Guarda do Jacuí	328°42'	48°57'46"	21°15'	Jacuí	46° 44' 28"	21° 01' 01"
10	Guarda da Espera	333°12'	44°27'46"	20°43'	Rio Espera	43° 28' 27"	20° 51' 20"
11	Registro de Matinas Barbosa	333°33'	44°06'46"	21°51'	Matias Barbosa	43° 19' 05"	21° 52' 09"
12	Registro da Paraibuna						
Vila de São José							
1	Nossa Senhora da Conceição dos Prados	332°15'	45°24'46"	21°10'	Tiradentes	44° 10' 41"	21° 06' 37"
2	Nossa Senhora da Conceição dos Carijós	332°23'	45°16'46"	21°07'	Prados	44° 04' 46"	21° 03' 27"
3	Santo Antônio da Itaberaba	332°44'	44°55'46"	20°42'	Conselheiro Lafaiete	43° 47' 10"	20° 39' 37"
4	Santana do Bambuí	333°00'	44°39'46"	20°39'	Itaverava	43° 36' 36"	20° 40' 40"
		329°36'	48°03'46"	19°24'	Bambuí	45° 58' 36"	20° 00' 24"
4 Comarca do Serro Frio							
Vila do Príncipe							
		333°45'	43°54'46"	18°30'	Serro	43° 22' 46"	18° 36' 16"
1	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila						
2	Nossa Senhora da Conceição do Mato Dentro	333°18'	44°21'46"	19°00'	Conceição do Mato Dentro	43° 25' 31"	19° 02' 14"
3	Nossa Senhora da Pena do Rio Vermelho	334°11'	43°28'46"	18°18'	Rio Vermelho	43° 00' 29"	18° 17' 37"
4	Freguesia da N. S. do Bom Sucesso e Almas da Barra do Rio das Velhas	332°15'	45°24'46"	16°18'			
1	Arraial de Tijuco	333°37'	44°02'46"	18°06'	Diamantina	43° 36' 01"	18° 14' 41"
Destacamentos							
1	Destacamento do Milho Verde	333°36'	44°03'46"	18°17'			
2	Destacamento da Paraúna	333°15'	44°24'46"	18°21'			
3	Destacamento da Gouveia	333°21'	44°18'46"	18°08'	Gouveia	43° 44' 30"	18° 27' 17"
4	Guarda da Picada	333°15'	44°24'46"	18°12'			
5	Guarda das Três Barras	332°42'	44°57'46"	18°07'			
6	Registro do Galheiro	333°00'	44°39'46"	18°05'			
7	Destacamento do Rio Pardo	333°25'	44°14'46"	18°00'			
8	Contagem, ou Registro do Rabelo	333°15'	44°24'46"	17°42'			
9	Registro de Caeté-Mirim	333°35'	44°04'46"	17°21'	Tarumirim	42° 00' 22"	19° 16' 53"
10	Destacamento da Chapada	333°37'	44°02'46"	17°42'	Chapada do Norte	42° 32' 20"	17° 05' 12"
11	Destacamento do Andaial	333°41'	43°58'46"	17°38'			
12	Destacamento do Inhai	333°50'	43°49'46"	17°33'			
13	Registro de Inhacica	334°00'	43°39'46"	17°21'			
14	Registro do Pé do Morro	334°09'	43°30'46"	17°15'			
15	Guarda do Rio Manso	333°51'	43°48'46"	17°48'	Couto de Magalhães de Minas	43° 28' 15"	18° 04' 20"
Vila de Minas Novas							
		333°15'	44°24'46"	17°00'	Minas Novas	42° 35' 34"	17° 12' 54"
1	Nossa Senhora do Bom Sucesso do Fanado				Minas Novas		
2	Paróquia de São Pedro da Vila de Minas Novas				Minas Novas		
3	Freguesia de Santa Cruz da Chapada	335°26'	42°13'46"	16°48'			
4	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Água Suja	335°35'	42°04'46"	16°36'	Berilo	42° 27' 59"	16° 57' 05"
5	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio Pardo			15°01'			
6	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Morrinhos	332°30'	45°09'46"	13°30'	Matias Cardoso	43° 55' 15"	14° 51' 19"
7	Freguesia de Santo Antônio da Itacambira	334°16'	43°23'46"	16°40'			
8	Freguesia de N. S. do Bom Sucesso e Almas da Barra do Rio das Velhas	332°15'	45°24'46"	16°18'			
Guardas							
1	Guarda de Santa Cruz	334°21'	43°18'46"	17°03'	Ataléia	41° 06' 35"	18° 02' 34"
2	Guarda de Simão Vieira	334°35'	43°04'46"	16°43'			
3	Guarda da Conceição	335°30'	42°09'46"	16°27'			
4	Registro da Passagem de Jequitinhonha			16°20'			
5	Guarda do Tocaio			16°18'			
6	Registro da Itacambira	334°16'	43°23'46"	16°40'	Itacambira	43° 18' 31"	17° 03' 54"
7	Guarda do Itacambiruçu			16°13'			
8	Destacamento ou Guarda do Rio Pardo	335°36'	42°03'46"	15°01'			
9	Guarda da Gorutuba	334°38'	43°01'46"	14°43'	Porteirinha	43° 01' 41"	15° 44' 34"

Fonte: Rocha (1995, p. 89 - 144).

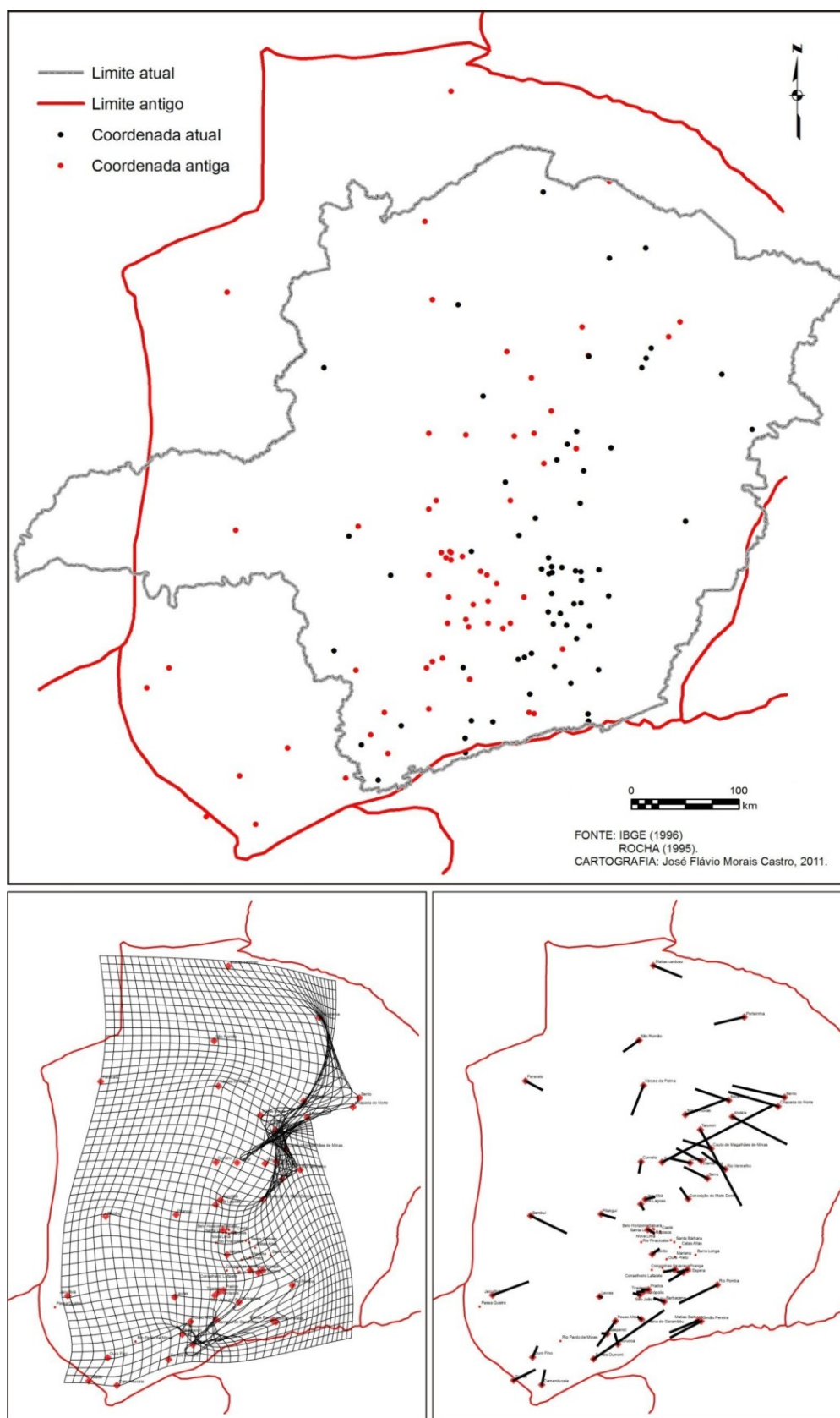


Figura 2 – Associação de coordenadas antigas e atuais, distorção da grade de coordenadas e deslocamento dos vetores referentes as vilas de Minas Gerais em 1778 (Fontes: Rocha, 1995 e IBGE, 1996).

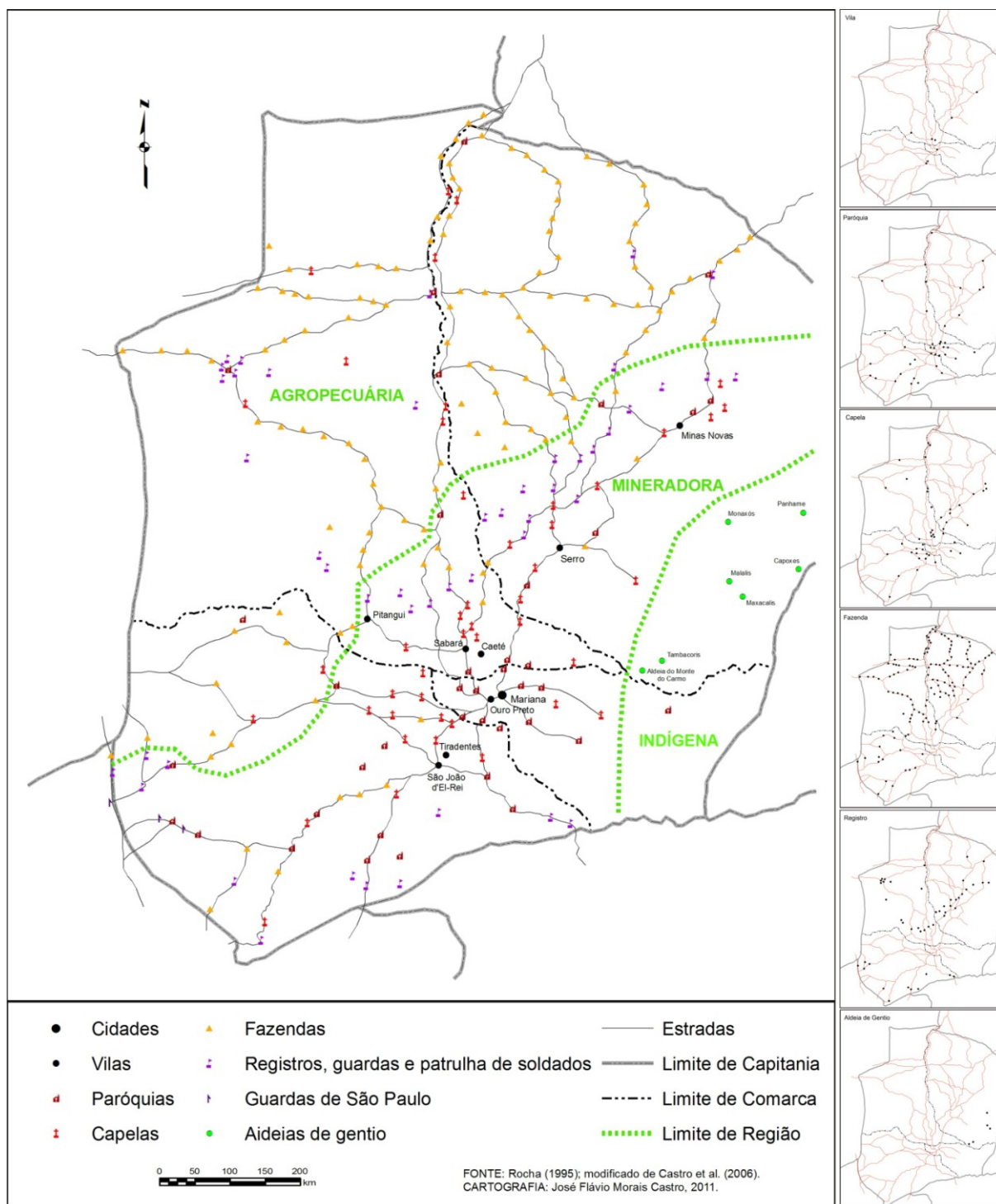


Figura 3 – Grandes espaços regionais da Capitania de Minas Gerais, com base no mapa de José Joaquim da Rocha, em 1778.

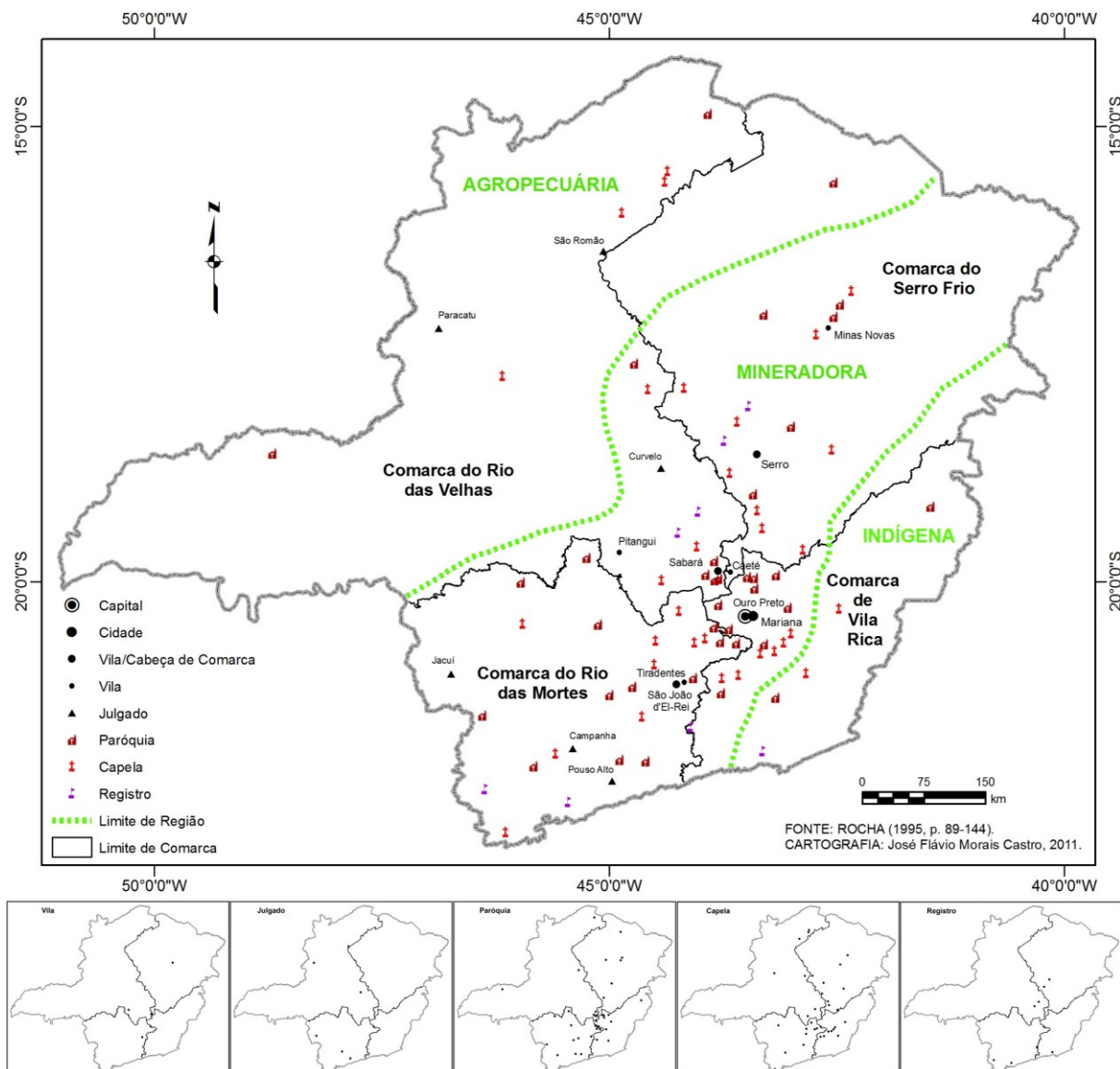


Figura 4 - Grandes espaços regionais do Estado de Minas Gerais, com base na descrição de José Joaquim da Rocha, em 1778.

Os limites regionais, definidos a partir da organização espacial dos fenômenos administrativos e eclesiásticos da capitania de Minas Gerais no século XVIII, podem ser associados às características naturais do Estado de Minas Gerais. Desta forma, a região agropecuária localiza-se em altitudes que variam de 500 a 1.000 metros, na depressão do rio São Francisco, em vegetação de cerrado e em clima tropical quente e semi-úmido; a região mineradora, acima de 1.000 metros de altitude, na Serra do Espinhaço e no Planalto do Sul de Minas, na faixa de transição entre o cerrado e a floresta subcaducifólia tropical e em clima tropical subquente úmido; e, a região indígena, abaixo de 500 metros de altitude, nos planaltos cristalinos rebaixados, principalmente, no vale do rio Doce, na floresta subcaducifólia tropical e em clima tropical quente e úmido.

Os escritos de José Joaquim da Rocha se inserem no conjunto de outros similares, produzidos sob a pressão de sucessivos acontecimentos na capitania, como é o caso dos escritos de José João Teixeira Coelho. O primeiro autor, entrosado nos meios militares, administrativos e intelectuais, e conhecedor dos problemas da terra, a defesa dos interesses régios mescla-se ao comprometimento com as elites locais; o segundo, funcionário zeloso e cioso do aperfeiçoamento da máquina burocrática do Estado, o menosprezo às elites locais tem como pano de fundo os interesses da Coroa (RESENDE *in* ROCHA, 1995, p. 55).

O manuscrito de José João Teixeira Coelho, redigido em 1782 e publicado na *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais* (COELHO, 1994), apresenta o cálculo dos rendimentos gerais em contos de réis nas passagens dos principais rios e anexas da capitania, partindo-se do ano de 1704 até o ano de 1776. Em levantamento realizado nos microfilmes da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), identificou-se o códice 643, folhas 204-217, que apresenta a relação dos rendimentos até o ano 1799.

“são diversos os contratos das passagens dos rios caudalosos da Capitania de Minas. Estes contratos se regulam pelas ordens gerais que ficam referidas no capítulo 14. Deles se paga o um por cento do total das suas [ar]rematações e as propinas que vão declaradas no capítulo 2 §3, nº 1, mas não se pagam propinas aos ministros dom Conselho Ultramarino, nem as ordinárias e munições” (COELHO, 1994, p. 208; COELHO, 2007, p. 322).

Para efeito de mapeamento e de identificação de padrões espaciais e temporais, os rendimentos gerais foram agregados por década. Outro critério adotado consistiu em somar os dados relativos de algumas passagens de rios e suas anexas, como foram os casos do rio Sapucaí e da Barra do Pará, conforme mostra o quadro 2.

Quadro 2 – Rendimentos gerais nas passagens dos rios da Capitania de Minas Gerais: 1720-1799 (contos de réis)

Passagens do manuscrito BNP	Passagens do Rocha	1720	1730	1740	1750	1760	1770	1780	1790	1799	TOTAL
Passagem do Rio das Mortes	Passagem do Rio das Mortes*	20.300.016	36.429.270	34.283.290	61.546.665	48.154.300	23.523.003	26.831.909	29.553.746	26.023.509	306.645.708
Passagem do Rio Grande e Rio das Mortes*	Passagem do Rio Grande	4.873.250	10.300.174	13.897.987	18.790.666	9.433.400	2.189.422	3.474.757	3.996.255	6.078.149	73.034.060
Passagem do Paraupéba e suas anexas	Barra do Paraupéba	1.747.238	2.184.045	2.282.097	609.546	0	0	0	0	0	6.822.926
Passagem do Rio das Velhas e suas anexas	Barra do Rio das Velhas	0	2.531.270	2.182.403	1.099.214	0	0	0	0	0	5.812.887
Passagem do Rio Uruçua e suas anexas	Passagem do Rio Uruçua	0	0	1.239.140	2.376.191	0	0	0	0	0	3.615.331
Passagem do Jequitinhonha	Passagem de Simão Vieira	0	0	0	242.400	0	0	0	0	0	242.400
Passagem do Rio São Francisco	Passagem do Paracatu	0	0	0	9.137.133	9.684.890	4.993.500	4.283.333	3.410.001	3.425.723	34.934.580
Passagem de Minas Novas	Passagem do Araçuaí	0	0	0	0	1.061.505	3.691.418	3.699.501	4.311.332	4.081.983	16.845.739
Passagem do Rio Verde	Passagem do Rio Sapucaí										
Passagem do Rio Sapucaí	Passagem do Rio Sapucaí										
Passagem do Rio Verde e Sapucaí	Passagem do Rio Sapucaí										
Passagem do Rio Grande do Jacuí na Barra do Sapucaí	Passagem do Rio Sapucaí										
Passagem de Maependi	Passagem do Rio Sapucaí	195.000	0	791.396	4.901.153	1.708.000	1.866.860	2.579.205	2.964.614	2.105.869	17.112.097
Passagem do Pará de Pitangui	Barra do Pará										
Passagem do Porto de Pitangui	Barra do Pará	288.000	0	0	0	0	0	0	0	0	288.000
* Passagem criada na confluência dos Rios da Morte e Grande	TOTAL	27.403.504	51.444.759	54.676.313	98.702.968	70.042.095	36.264.203	40.868.705	44.235.948	41.715.233	465.353.728

FONTE: COELHO (1994); BNP. Coleção Pombalina (1704-1799). Cód. 643, fl. 204-217.

Na análise do quadro 2 nota-se que, no século XVIII, os rendimentos gerais nas passagens dos rios da capitania de Minas Gerais somaram 465 contos de réis, com destaque para a arrecadação da passagem do Rio das Mortes, com 306 contos, seguido dos rios Grande, com 73 contos, e Paracatu, com 34 contos. Na década de 1720, início das explorações das minas, os rendimentos gerais nas passagens dos rios da capitania somaram 27,4 contos, com destaque para a passagem do Rio das Mortes, arrecadando 20,3 contos, seguida do Rio Grande, arrecadando 4,8 contos. Na década de 1750, auge da mineração, os rendimentos gerais atingiram a soma de 98,7 contos, com destaque para as duas referidas passagens dos rios, arrecadando 61,5 e 18,7 contos respectivamente. Nesta década, destaca-se também a passagem do Rio Paracatu arrecadando 9,1 contos, devido às descobertas de minas em 1744. Nos anos de 1791 a 1799, queda da produção mineral, os rendimentos gerais chegam aos níveis semelhantes aos registrados no início da exploração, década de 1720, com arrecadações de 26 contos no Rio das Mortes, 6 contos no Rio Grande e 3,4 contos no Rio Paracatu.

As passagens dos rios foram identificadas no *Mapa da Capitania de Minas Geraes com a deviza de suas comarcas*, de José Joaquim da Rocha, elaborado em 1778 (ROCHA, 1995), cuja localização foi associada ao mapa atual do Estado de Minas Gerais (Figura 5). A análise do mapa da figura 5 revela a localização estratégica das passagens dos rios em relação à organização espacial das comarcas, denotando a necessidade de se produzir meios de garantir o controle e a arrecadação de impostos pela Coroa.

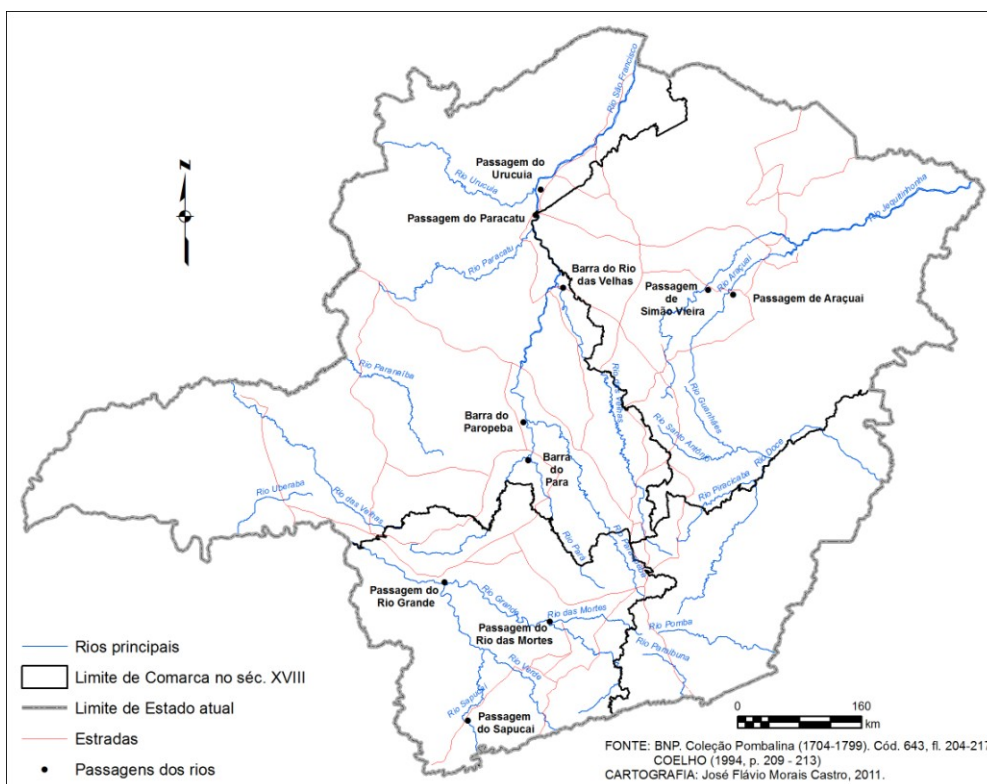


Figura 5 - Localização das passagens dos rios no Estado de Minas Gerais, com base em José Joaquim da Rocha, em 1778.

Os rendimentos gerais foram representados por décadas, entre 1720 e 1780, por meio de círculos proporcionais aos valores das quantias arrecadadas (Figura 6), o que permitiu identificar padrões espaciais de extração do ouro na Capitania de Minas Gerais. A análise dos mapas aponta para a relevância econômica dos rendimentos gerais na passagem do Rio das Mortes em relação às demais da capitania de Minas Gerais. Permitem, também, estabelecer análises espacial e temporal. Na análise espacial, destacam-se os rendimentos gerais na passagem do Rio das Mortes, principalmente na década de 1750, auge da extração do ouro. Na análise temporal, percebe-se o crescimento dos rendimentos gerais desde a década de 1720 até a década 1750, e a queda, até a década de 1780, decorrente das baixas produções auríferas nas regiões mineradoras.

Considerações finais

A organização espacial da Capitania de Minas Gerais no século XVIII mostrou-se complexa, dinâmica e estratégica na região mineradora, revelando períodos turbulentos, com desordens e desmandos nos processos de exploração do ouro e de arrecadação de impostos; períodos de controle, com o auge da mineração; e períodos de estagnação, com a decadência da mineração. Esta dinâmica intensificou a ocupação do espaço e o uso da terra nas regiões agropecuária e indígena, alternativas para minimizar os impactos causados na região mineradora.

O trabalho apresentado consistiu em uma tentativa de associar os fenômenos contidos nos escritos e nos mapas de José Joaquim da Rocha, de 1778. O tratamento cartográfico das informações contidas nos documentos históricos da Capitania de Minas Gerais no século XVIII, permitiu a identificação de padrões espaciais e temporais e o estabelecimento de limites regionais; bem como, representar graficamente os rendimentos gerais nas passagens dos rios da capitania a partir do manuscrito de José João Teixeira Coelho, de 1782, que permitiram a identificação da dinâmica econômica na extração do ouro, principalmente na região mineradora, delimitada na capitania a partir dos trabalhos de Rocha; alternativas que reforçam a função estratégica exercida pelas fontes documentais no controle político, social e econômico da Capitania.

Por outro lado, existe a necessidade de estudos mais aprofundados dos documentos históricos, principalmente no contexto histórico em que foram produzidos, para se compreender a forma que o poder se expressou na região e seus efeitos na sociedade. Do ponto de vista didático-pedagógico, esforços devem ser direcionados no sentido de disponibilizar os resultados da pesquisa em ambiente WEB GIS, recurso indispensável no processo de difusão da informação para um número maior e diversificado de usuários.

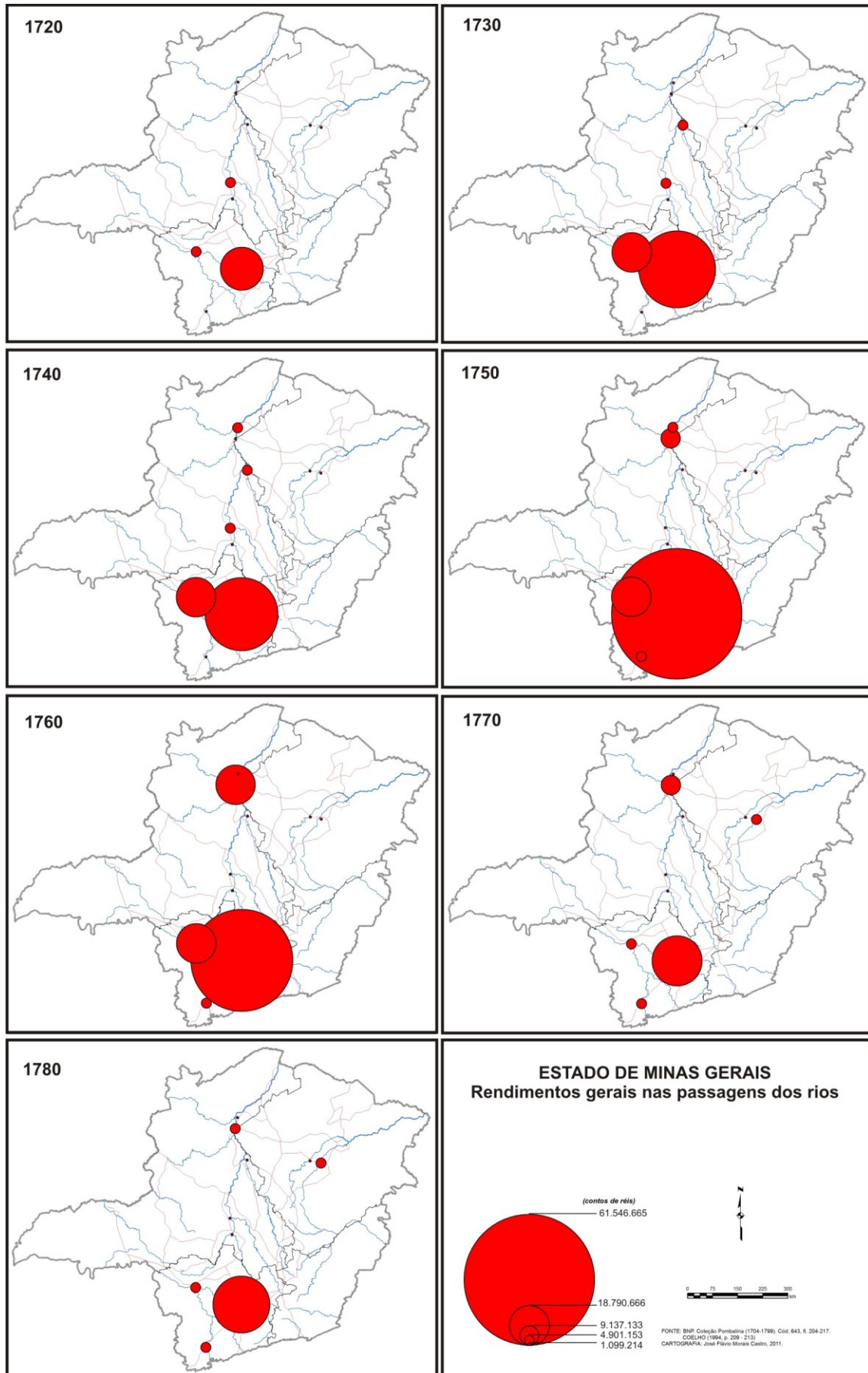


Figura 6 - Rendimentos gerais nas passagens dos rios no Estado de Minas Gerais entre as décadas de 1720 a 1780.

Referências bibliográficas

BOSCHI, Caio César – ver Coelho, 2007.

CASTRO, José Flávio Morais; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; COSTA, Antônio Gilberto; MENEZES, Paulo Márcio Leal de. Visualização cartográfica dos mapas de Minas Gerais dos setecentos e oitocentos: em destaque as bases urbanas. **Anais do VI Seminário Latino-Americano de Qualidade de Vida Urbana, V Seminário Internacional de Estudos Urbanos**, Belo Horizonte, Programa de Pós-graduação em Geografia (Tratamento da Informação Espacial) da PUC Minas, 2006.

COELHO, José João Teixeira. **Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais**. Introdução Francisco Igléias; leitura paleográfica e atualização ortográfica Cláudia Alves Melo. Coleção Mineiriana. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994.

COELHO, José João Teixeira. **Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais**. Organização, transcrição documental e textos introdutórios Caio César Boschi; preparação de texto e notas Melânia Silva Aguiar. Belo Horizonte: Secretária de Estado de Cultura, Arquivo Público Mineiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2007.

COSTA, Joaquim Ribeiro. **Toponímia de Minas Gerais: com estudo histórico da Divisão Administrativa**. Belo Horizonte, Ed. do autor, 2010.

FURTADO, Bernardo Alves. **Minas Gerais: evolução dos limites municipais: uma análise exploratória**. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geografia (Tratamento da Informação Espacial), Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2003.

FURTADO, Júnia Ferreira. Um cartógrafo rebelde? José Joaquim da Rocha e a cartografia de Minas Gerais. **Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 155-187, 2009.

GASPAR, Joaquim Alves. Revisando a Cartografia Náutica Portuguesa Antiga do Atlântico: uma análise quantitativa. **Anais do III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica**. Ouro Preto, CRCH/UFMG, 2009.

IGLÉIAS, Francisco - ver Coelho, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base Municipal Digital**, Rio de Janeiro, IBGE, 1996.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS (IGA); ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS (ALEMG). **As denominações urbanas de Minas Gerais: cidade e vilas mineiras com estudo toponímico e da categoria administrativa**. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1997.

JENNY, Bernhard; WEBER, Adrian; HURNI, Lorenz. Visualizing the planimetric accuracy of historical maps with MapAnalyst. **Cartographica**, v. 42, n. 1, p. 89-94, 2007.

MARQUES, Miguel da Silva. **Cartografia Antiga: tabela de equivalências de medidas, cálculo de escalas e conversão de valores de coordenadas geográficas**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001.

PORTUGAL. BIBLIOTECA NACIONAL. **Relação dos rendimentos gerais desta capitania de Minas Gerais desde os seus descobrimentos conforme a melhor notícia que se tem alcançado e se pode averiguar nos mesmos rendimentos (cópia) - 1704/1799**. Divisão dos Reservados. Coleção Pombalina. Cód. 643, fl. 204-217. Lisboa, BNP.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de – ver Rocha, 1995.

ROCHA, José Joaquim da. **Geografia histórica da Capitania de Minas Gerais. Descrição geográfica, topográfica, histórica e política da Capitania de Minas Gerais. Memória Histórica da Capitania de Minas Gerais**. Estudo crítico Maria Efigênia Lage de Resende; transcrição e colação de textos Maria Efigênia Lage de Resende e Rita de Cássia Marques. Coleção Mineiriana. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.